

Brasília merece uma crítica

DF
CORREIO BRAZILIENSE

Ricardo Stumpf

17 NOV 1995

O debate acadêmico sobre Brasília não tem feito justiça à cidade ou tampouco à capacidade de análise e teorização de arquitetos e urbanistas envolvidos com o ensino superior no Brasil, em nível da graduação ou pós-graduação.

Análises supérfluas, impregnadas de ranço anticomunista contra Oscar Niemeyer, cuja persistência em permanecer comunista irrita os arautos da modernidade conservadora, insistem em escamotear a verdade sobre o plano da cidade, e levam a um debate estéril, do qual sempre me recusei participar durante minha breve experiência como professor substituto da Fau-UnB.

Trata-se de se posicionar contra ou a favor de Oscar Niemeyer e do movimento moderno, em vez de tentar compreendê-los historicamente, tanto o arquiteto e sua obra, como o movimento ao qual ela pertence.

Mesmo em circuitos acadêmicos mais maduros, essa questão permanece distorcida, e se torna sem sentido, visto que não se volta para o estudo do plano e da sua avaliação "pós-ocupação", como deveria ser, mas acaba se tornando um julgamento do modernismo e de sua principal expressão viva no mundo de hoje, que é Niemeyer.

É natural que em época de crise de paradigmas, como a que vivemos, apareçam essas tendências de volta ao passado, buscando segurança em algo que é conhecido, até que surjam novas idéias que possibilitem a continuidade do progresso, e de certa forma, todos nós nos engajamos nesse culturalismo na década passada, que já prenunciava o final de um ciclo histórico. Mas nem por isso as idéias estacionaram por aí. Pelo contrário, em 1982, Marshall Berman com o seu já clássico *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar* nos mostrava, de forma sensível e cuidadosa, que a contradição entre "comunidade" e cidade moderna continha a dife-

rença fundamental entre atraso e progresso, e que, mesmo que esse progresso fizesse vítimas o tempo todo, ele era preferível à estagnação segura e respeitável das sociedades tradicionais.

Sobre isso é muito significativa a passagem em que, analisando o Fausto de Goethe, quando a pequena comunidade condena à morte a jovem Gretchen, pela ousadia de afirmar sua liberdade sexual e afetiva, num mundo onde uma mulher não tinha nenhuma liberdade, Berman comenta: Tal retrato devia gravar para sempre em nossas mentes a crueldade e brutalidade de tantas formas de vida que a modernização varreu da face da terra (página 60).

Quando se insiste em aplicar a Brasília uma análise baseada em valores tradicionais, estamos condenando-a, como a Gretchen, pela sua ousadia de romper com um mundo conhecido e afirmar uma liberdade iconoclasta. Isso não quer dizer, é claro, que Brasília não mereça críticas e retificações no seu plano. Brasília tem erros, alguns conceituais, ligados às utopias modernistas, outros particulares do seu próprio traçado, e que ainda podem ser corrigidos. Ligar esses erros, no entanto, a ideologia de Niemeyer é, antes de tudo, cometer uma injustiça com o seu criador, Lúcio Costa.

A cidade se deve a ele, e se Niemeyer projetou seus edifícios mais importantes, não foi responsável por seu traçado, e nem pôde controlar o seu desenvolvimento durante a ditadura militar e os governos de direita que se seguiram. A cidade que está aí é fruto de tais administrações, muito mais do que de seus idealizadores, e apenas no governo de José Aparecido, Lúcio Costa foi chamado para rever o plano, fazendo intervenções para permitir sua expansão, que ficaram conhecidas como o projeto "Brasília Revisitada".

A ditadura, que impedia qualquer iniciativa de organização popular, agiu prontamente contra esse aspecto do plano, que seria a base do convívio organizado na cidade. Uma cidade moderna, pressupõe uma vida idem, e portanto os encontros entre as pessoas não se dariam de forma casual, mas programada. As creches e escolas públicas das superquadras, em horário integral, permitiriam que as crianças se apropriassem daquele espaço e pudessem permanecer nele o dia inteiro.

Mas as escolas e creches não foram construídas, e hoje os pais têm que levar seus filhos para escolas particulares distantes e buscá-los no fim da tarde. As quadras ficam vazias o dia todo. O lazer programado pelos clubes de unidade de vizinhança permitiria que as pessoas pudessem se encontrar, dentro do raio de oito superquadras, criando laços entre vizinhos. Mas só um clube foi construído, o primeiro, na SQS 108, onde fiz as primeiras amizades, quando vim para Brasília em 1960, ainda criança.

É impressionante que a discussão sobre Brasília esbarre até hoje em preconceitos desse tipo, que nos impedem de observá-la objetivamente como fenômeno urbano e de confrontá-la com sua base teórica, inclusive para propor ajustes e reavaliações do plano, fugindo ao estéril e até um pouco histérico, debate sobre Niemeyer e o modernismo.

As vezes acho que a mentalidade colonizada não aceita que o Brasil possa ser melhor em nada. Não é possível que uma cidade modernista tenha dado certo no Brasil, se os teóricos americanos e europeus dizem que ela fracassou. Não é possível que um arquiteto brasileiro vivo possa ser melhor que os do Primeiro Mundo, não é possível enfim que nós não sejamos inferiores por natureza, senão como justificaremos nossa mediocridade?

Ricardo Stumpf é arquiteto